

ISSN 2179-6890

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NA USINA DE RECICLAGEM: POSSIBILIDADES MÚLTIPLAS¹

PSYCHOLOGICAL INTERVENTION IN RECYCLING FACTORY: MULTIPLE OPPORTUNITIES

Lucas Silveira da Silva², Viviane Fernandes² e Rafaela Rigoni³

RESUMO

Busca-se apresentar, neste artigo, uma reflexão teórica acerca de uma intervenção acadêmica de extensão em uma Usina de reciclagem pelo viés da psicologia social, enfocando temáticas como promoção de saúde, subjetividade e precarização das condições de trabalho. Nesse sentido, o trabalho visa a apresentar o reflexo desses processos, relacionando-os aos conceitos de cuidado de si e autonomia de Foucault; autoanálise e autogestão de Baremlitt, demonstrando o quanto a intervenção foi frutífera no que tange à reconstrução de novos sentidos para o processo de trabalho.

Palavras-chave: precarização das condições de trabalho, autoanálise e autogestão, saúde do trabalhador, empowerment.

ABSTRACT

This article introduces a theoretical reflection of an academic intervention in a recycling plant using social psychology, focusing on issues such as health promotion, subjectivity and precarious working conditions. In this way the work aims to discuss the impact of these processes by linking them to the concepts of self-care and autonomy by Foucault and self-analysis and self-management by Baremlitt demonstrating how the intervention was fruitful in terms of the reconstruction of new meanings for the working process.

Keywords: *precarious working conditions, self-analysis and self-management, worker's health, empowerment.*

¹ Trabalho de Iniciação Científica - URI Santiago.

² Acadêmicos do curso de Psicologia da URI Santiago.

³ Orinetadora - URI Santiago.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, conta parte do processo de trabalho de um projeto de extensão disponibilizado pelo curso de Psicologia em convênio com a Secretaria de Desenvolvimento Social de um município. Além disso, o texto buscar realizar uma reflexão acerca das temáticas observadas e relevantes durante as intervenções, buscando trazer um viés de Foucault e demais autores da psicologia social no decorrer das linhas.

A comunidade atendida pelo projeto foi de uma Usina de reciclagem. O trabalho consistiu em intervenções quinzenais. O local em questão era composto por trabalhadores, que aqui chamaremos de usineiros e que diariamente trabalhavam com o lixo, separando o material reciclável a partir do lixo recolhido na cidade e em outras cidades vizinhas, selecionando e prensando a matéria-prima, posteriormente vendida pela prefeitura.

A demanda por uma intervenção do curso de Psicologia no local surgiu a partir de uma reunião inicial com a Secretaria de Desenvolvimento Social do município, em função de dificuldades da mesma na implantação de um projeto social com alguns dos usineiros. O projeto proposto previa reuniões com este público na sede da Secretaria, fora de seu horário de trabalho, para o aprendizado da confecção de bolsas a partir de material reciclado. Tal atividade não contou com planejamento conjunto dos participantes, e, segundo a Secretaria, os usineiros acabaram por não se vincular ao projeto, tendo abandonado as reuniões. Assim, o Curso de Psicologia foi convidado a participar no sentido de construir outras formas de ação que possibilitassem um vínculo com estes trabalhadores.

Partindo deste contexto, os objetivos do projeto de extensão giravam em torno da produção de conhecimento e intervenções relacionados à saúde dos trabalhadores da Usina, sendo realizado a partir do levantamento de demandas do público-alvo; proposição de um espaço de reflexão relacionado ao seu trabalho; construção e debate sobre as possibilidades de intervenção do psicólogo (e outras profissões) no espaço de uma cooperativa; e avaliação permanente, juntamente com os cooperados, das possibilidades de continuidade e ampliação da intervenção.

O CONTEXTO

A Usina de Reciclagem pertence à prefeitura municipal, sendo administrada por uma das cooperativas da cidade, selecionada através de edital.

Trata-se de uma “cooperativa de trabalho”, que possui diversos outros braços de atuação, como a limpeza, a construção civil, dentre outros, sendo os trabalhadores “associados” geralmente contratados como autônomos.

A Usina de Reciclagem dispõe, atualmente, de um espaço adequado para o exercício de seus objetivos e atividades diárias⁴, possuindo galpão coberto, esteira por onde passam os materiais, prensa, boxes para separação do material, banheiros no galpão e no refeitório e cozinha. Possuem ainda um trator e uma caçamba para transportar material da cidade, pois a Usina localiza-se consideravelmente afastada do centro da cidade. Além do material, a caçamba leva e traz diariamente os trabalhadores, pois não há nenhum tipo de transporte público que chegue até o local.

Os trabalhadores são pessoas vindas de classes economicamente menos favorecidas, moradores de bairros periféricos, que em grande parte optam por trabalhar neste espaço por necessidade e por não terem conseguido outros empregos na cidade⁵. Este contexto transforma o espaço de trabalho em um local transitório, acentuando um fluxo constante de pessoas, pois quando veem outras possibilidades optam por trabalhar em outros locais. Os usineiros trabalham cerca de 8 horas diárias, mas em função da distância do local, permanecem no mesmo durante todo o dia, almoçando e fazendo seus intervalos no refeitório, que se situa a alguns metros do galpão onde se localiza a esteira e os boxes de separação.

METODOLOGIA

Os encontros com os usineiros ocorreram com frequência quinzenal, com 1 hora de trinta minutos destinados à intervenção, sendo que os encontros eram realizados no refeitório da Usina, pois este se mostrava o local mais propício para tal atividade, devido ser o lugar onde os trabalhadores reuniam-se para suas refeições, conversas, discussões e tomada de decisões. Essa decisão em torno do dia, horário e local das intervenções foi tomada pelos usineiros em conjunto com os interesses e possibilidades tanto da secretaria de desenvolvimento da cidade, como os interesses da universidade, mais especificamente o Curso de Psicologia.

Os materiais utilizados variavam de acordo com a temática, sendo que, em muitas ocasiões, os sujeitos trabalhadores traziam materiais de casa, os

⁴ Anteriormente a um Projeto da Secretaria de Desenvolvimento Social do município em parceria com a Caixa Federal que desenvolveu recursos estruturais no local, a Usina não possuía recursos materiais e de espaço físico adequados para seu trabalho, ficando os trabalhadores expostos à chuva e sol, sem boxes definidos para a separação dos materiais recicláveis, e sem um banheiro próximo ao local de trabalho, dentre outras dificuldades.

⁵ Segundo seus próprios relatos.

acadêmicos levavam revistas, materiais, figuras, sempre no intuito de contribuir para a discussão da temática do dia. Quanto à escolha do tema, esta ficava livre, pois a demanda era espontânea e construída no seio grupal, sendo que jamais foram utilizadas técnicas diretivas pela parte acadêmica, visto que o trabalho não buscava esse resultado verticalizado.

O GRUPO COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DE SAÚDE, AUTONOMIA E CIDADANIA

Uma das principais formas de ação dentro do projeto de extensão foi a de que, durante as intervenções realizadas, nada fosse “pronto”, sempre dando espaço para que surgissem questões passíveis de debate juntamente com os trabalhadores. Procurou-se levar em consideração o aspecto humano e o interjogo dos sujeitos, era necessário, no entanto, afastar-se da “objetividade científica” geralmente esperada de um saber acadêmico, porém, sem perder a qualidade técnica e a responsabilidade ética.

As ciências humanas partem do escândalo que é o ser humano conhecer a si próprio, misturando as posições de sujeito e objeto. Isso formula sérios problemas, tornando quase impossível a objetividade, que é o critério básico das ciências do século XVII (NOVAIS, 2003, p. 17).

Constantemente surgiram questões acerca do desejo grupal, sempre na tentativa de fazê-los falar no seio grupal, jamais utilizando técnicas diretivas, somente em casos isolados elaborando estratégias⁶ para discussão de aspectos que se produziam no próprio grupo.

Durante as intervenções, alguns questionamentos surgiram: poderiam os trabalhadores operar uma reflexão sobre seu trabalho e o contexto que o cercava? Poderiam ser promotores de sua própria saúde e cidadania? Muitas questões referentes ao contexto no qual se encontravam, infelizmente, caminhavam na mão contrária a esta possibilidade, ou pelo menos, se produziam como possíveis entraves para tal promoção.

De acordo com Foucault (2004), um dos entraves percebidos à prática refletida da liberdade eram as precárias condições de trabalho, que levavam a um fluxo constate de trabalhadores na Usina e no grupo. Como já referido anteriormente, os usineiros eram ao mesmo tempo “cooperativados” e contratados

⁶ Técnicas grupais voltadas para questão do falar sobre determinado assunto.

como autônomos, com salário fixo que se aproximava do mínimo, pagos por RPA (Recibo de Pagamento de Autônomo) e, portanto, sem garantias mínimas como seguro saúde, 13º salário, férias remuneradas. Durante o período de trabalho no local, diversas vezes os salários foram pagos com considerável atraso e, algumas vezes, em casos de divergência, ocorreram demissões.

Tal situação remete à precarização do trabalho, trazida por Castel (2003), que surge com o crescimento do desemprego e das situações de instabilidade no trabalho a partir das faltas geradas pela inadequação de um sistema de proteção ao trabalhador. Segundo o autor, as novas configurações do capitalismo produzem a multiplicação de indivíduos que ocupam uma posição de supranumerários, considerados “inempregáveis”, inempregados ou empregados de um modo precário, intermitente (CASTEL, 1998, p. 21). Da mesma forma, “cooperativas de trabalho” como esta acabam por incentivar a precarização do trabalho através da prática e incentivo do trabalho informal e da terceirização por parte de empresas e do Estado, que poderiam estar oferecendo cargos de trabalho providos de maior estabilidade e garantias trabalhistas.

Dentro deste contexto, uma das possíveis consequências é a perda da condição de autonomia e do cuidado de si por parte dos trabalhadores (FOUCAULT, 2002). O cuidado de si fala sobre a possibilidade de escolher, a partir de um campo de possibilidades, os rumos de sua própria vida. Entretanto, segundo Nardi (2006), para que esta escolha seja possível em sua totalidade, é preciso que haja um mínimo de garantias, de segurança, que possibilitem o exercício de um espaço de reflexão e decisão sobre a existência. Entretanto, no caso dos trabalhadores aqui retratados, em face à falta de garantias trabalhistas, em várias situações, nos deparamos com a conflitiva entre os desejos e necessidades dos mesmos e a direção da cooperativa. Muitas vezes, a direção fazia calar o discurso e as solicitações dos usineiros por melhores condições de trabalho, utilizando-se de ameaças de demissão (ou a demissão propriamente dita), perpetuando a relação extremamente hierarquizada no ambiente de trabalho, uma questão que deveria ser inexistente tratando-se de uma cooperativa com pretensões de autogestão.

Sabendo dos limites enquanto acadêmicos extensionistas, bem como dos limites impostos pela instituição, buscou-se intervir acerca dos processos grupais e das questões voltadas à *autoanálise* e *autogestão* Barembliitt (1996) - dois importantes princípios norteadores do cooperativismo e do trabalho aqui explicitado, buscando promover a reflexão coletiva e a organização dos trabalhadores em torno de suas necessidades e desejos. Neste sentido, tornou-se necessário desvincular as figuras de acadêmicos do “saber absoluto” ou “verdadeiro”,

tentando resgatar e potencializar o saber dos sujeitos do local. Assim, buscou-se ocupar esse lugar de ‘*experts*’, mas de forma alguma centralizar o ‘*poder falar*’ presente nas figuras acadêmicas, mas sim serem facilitadores utilizando mecanismos, estratégias para que os indivíduos falassem o que pensam e sentem.

Mas até para que a autoanálise seja praticada pelas comunidades, elas têm de construir um dispositivo no seio do qual essa produção seja possível. Elas têm de organizar-se em grupos de discussão, em assembleias; elas têm de chamar experts aliados para colaborar com elas; elas têm de dar-se condições para produzir este saber; e para desmistificar o saber dominante (BAREMBLITT, 1996, p. 19).

Uma das questões que se tinha o intuito de desmistificar era a noção de somente o saber acadêmico ser levado em consideração dentro das práticas de intervenção, noção esta que foi trazida pelos próprios trabalhadores no início do trabalho. Neste primeiro momento, para eles, os acadêmicos eram “os que sabiam”, “o pessoal da universidade”, conhecedores das “verdades” do mundo e da “melhor forma” de fazer as coisas.

Percebeu-se, nas intervenções com os usineiros, a falta de reconhecimento com relação ao seu trabalho, não só financeiramente, mas também no imaginário da sociedade e muitas vezes dos próprios trabalhadores. Sabe-se que, na sociedade atual, o saber valorizado geralmente é aquele conquistado através do ensino formal e não o saber adquirido através da prática, que é tido erroneamente como algo que não exigiria esforço e tampouco inteligência. Além disso, verificou-se o preconceito relacionado ao trabalho na Usina e a humilhação social que muitos trabalhadores “do lixo” vivenciam em seu cotidiano, produzindo uma subjetividade que sofre e, muitas vezes, se identifica com essa inferiorização (COSTA, 2004).

Não é percebido, por grande parte da sociedade, que o trabalho na Usina exige um grande conhecimento, um saber não valorizado, escondido. Certa vez, a convite dos trabalhadores, os acadêmicos propuseram-se a trabalhar junto a eles na esteira por um período, e chamou a atenção por parte dos interventores a rapidez com que os usineiros abrem as sacolas e dispensam todo o lixo sobre a esteira em movimento. Cada um sabe exatamente que material deve recolher, e fica responsável por um tipo diferente. Verificou-se, então, vidros, diversos tipos de plástico, garrafas *pets* brancas, coloridas, panelas, fios de cobre, eletrodomésticos, dentre outros materiais que são coletados e selecionados com

uma grande destreza e cuidado. Cada material possui um nome e uma forma de tratamento específica, elaborada e criada pelos trabalhadores para facilitar a rotina de trabalho. Os interventores confessaram que demoraram muito para entender e executar o trabalho dos usineiros, sem ao menos chegar perto da habilidade, destreza e criatividade no trato com os materiais. Tal experiência também foi discutida com eles em grupo, dando ênfase a troca de saberes possível entre “a Usina” e “a universidade”.

Assim, tentou-se produzir a todo o momento uma valorização do que os trabalhadores tinham para trocar com os acadêmicos, pois somente através desse atravessamento e transversalidade de saberes é que se podia construir um verdadeiro trabalho com os ideais da psicologia social comunitária, tal qual ressalta Benevides⁷:

[...] a psicologia, tal como qualquer outro campo de saber/poder não explica nada. É ela mesma que deve ser explicada e isto só se dá numa relação de intercessão com outros saberes/poderes/disciplinas. É no entre os saberes que a invenção acontece, é no limite de seus poderes que os saberes têm o que contribuir para um outro mundo possível, para uma outra saúde possível (BENEVIDES, 2005, p. 23).

Neste processo rumo a uma outra saúde possível a estes trabalhadores, também lidou-se com fronteiras que se desconheciam, com descolamentos que os trabalhadores e suas falas produziram nos acadêmicos interventores, levando-os a realizar outras parcerias. Quando se notou a necessidade de outro saber se fazer presente, convidou-se acadêmicos de outros cursos como enfermagem e biologia para falar questões voltadas à sexualidade, higiene, primeiros-socorros e meio ambiente. Jamais fecharam-se às questões para a psicologia, pois a intervenção caminhava rumo à concepção ampliada de saúde, em que há valorização de diversos aspectos que montam e remontam o contexto do homem:

Art. 3º A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o

⁷ A autora trabalha essas questões dentro das políticas de saúde no SUS, mas que coube também dentro de nossas atuações.

saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país (BRASIL, 1990).

Procurou-se focar, junto aos trabalhadores, a questão da saúde, prestaram-se e produziram-se informações ao alcance dos interventores quanto a questões nas famílias dos usineiros, dos problemas que eles traziam de casa, de formas de proceder frente aos eventos familiares. Foram abordados assuntos quanto aos filhos, alcoolismo, acidentes no trabalho, insatisfação quanto a sua rotina de trabalho, dentre outros.

Enfim, diante do conceito de saúde, o objetivo do trabalho era operacionalizar, facilitar para que os sujeitos distribuíssem possibilidades de poder falar, enfatizar no seio comunitário um espaço para refletir sobre suas vidas, trabalho, através da promoção de uma reflexão crítica. Levou-se em consideração o conceito de *empowerment comunitário* que vem a ser o processo de ressignificação e repolitização do sentido do *empowerment* (CARVALHO, 2004). Esta abordagem trabalha com a noção de poder enquanto recurso, material e não material, distribuído de forma desigual na sociedade, como uma categoria conflitiva na qual convivem dimensões produtivas, potencialmente criativas e instituintes.

Para os teóricos do *empowerment comunitário*, a sociedade é composta de diferentes grupos de interesses que possuem níveis diferenciados de poder e de controle sobre os recursos, fazendo com que os processos de *empowerment* impliquem, muitas vezes, a redistribuição de poder e a resistência daqueles que o perdem (CARVALHO, 2004, p. 1901).

RESULTADOS

Com o desenrolar dessa intervenção, os usineiros sentiram-se mais à vontade para trazer seus saberes e dúvidas acerca da saúde, do trabalho, da família, meio ambiente, educação, lazer.

Verificou-se que o processo de *empowerment*, como um dos pontos norteadores do trabalho acadêmico, potencializou-se, além disso, evidenciou-se um caráter emancipatório, pois se construíram questões com os sujeitos, procurou-se distribuir, de forma homogênea, possibilidades de falar, ter o poder de construir a realidade, uma história em si.

Durante o processo interventivo, a espontaneidade entre os interventores e os trabalhadores era notável, o que contribuiu de forma significativa para a construção de novas concepções acerca de saúde do trabalhador, adoecimento e formas saudáveis de relacionar-se com a diversidade.

Essas foram e devem continuar sendo etapas de um processo de formação de sujeitos implicados com suas realidades, rumo à luta pela cidadania, autonomia e por melhores condições de trabalho.

CONCLUSÃO

Através da intervenção em questão, pode-se perceber o quão complexo e multifacetado é o imaginário construído por trabalhadores que lidam com o lixo da sociedade. Além disso, vale a pena ressaltar que esse imaginário é construído por todos nós seres sociais, com simples atos e até mesmo falas, contribuindo e legitimando processos de exclusão e realimentando preconceitos.

O processo de precarização de determinadas profissões/funções repercute drasticamente no processo de construção de saúde da população, bem como causa estranhamento e desinteresse para discussão de tais processos tidos como naturais.

A reflexão das condições de trabalho, concepções de saúde, processo de adoecimento e relacionamentos pessoais contribuem para que os sujeitos vivenciem, de forma mais crítica, suas realidades, passando, assim, a implicar-se com o coletivo que os cerca.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.

BENEVIDES, R. A Psicologia e o Sistema Único de Saúde: Quais interfaces? **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, mai/ago, Universidade Federal Fluminense, 2005.

BRASIL. **Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990**. Lei Orgânica da Saúde. Brasília, 19 set. 1990.

CARVALHO, S. R. Os Múltiplos Sentidos da Categoria “Empowerment no Projeto de Promoção à Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, 2004.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, F B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

FOUCAULT, M. **A cultura de si**. História da Sexualidade 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 43-74.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos & Escritos** v. 5, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

NARDI, H. C. **Ética, Trabalho e Subjetividade**: trajetórias de vida o contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NOVAES, A. **O homem máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.